

AUTO DE ANGICOS

Peça de Marcos Barbosa

*Para Claudia Barral,
sem a qual esta peça não seria a mesma,
pois a vida não seria a mesma.*

Virgolino Ferreira da Silva, o Lampião, e Maria Déa, a Maria Bonita.

Madrugada de 28 de julho de 1938.

*Angicos, fazendola na fronteira entre os estados de Alagoas e Sergipe. Céu aberto após
uma noite de muita chuva.*

*Um tanto afastado das barracas do acampamento em que há uns poucos dias
vem alojando seu bando de cangaceiros, Virgolino Ferreira da Silva, o Lampião, está
só, contemplativo e em silêncio, bem acordado apesar da hora. O mosquetão Mauser
ao alcance da mão.*

Passado algum tempo, chega Maria, vinda da penumbra, de atrás.

*A aproximação da mulher, embora suave, dispara um alarme em Virgolino, que
num átimo saca sua pistola Parabelum e a aponta em direção ao vulto que se chega. O
movimento súbito assusta e paralisa Maria.*

*Virgolino examina e reconhece por fim sua mulher; desconsidera então a
ameaça, guarda a pistola e volta, sempre sereno, a sua contemplação.*

*Maria precisa de algum tempo para recuperar o fôlego e a ação. Por fim, se
achega ao capitão.*

VIRGOLINO. *(sem se virar)* Quando é que tu vai aprender a não se achegar por trás,
se espreitando?

Maria não responde. Após algum tempo, retoma a conversa:

MARIA. Levantou cedo... Fica indo nessa toada, daqui a pouco nem dorme mais.
Ainda está escuro.

VIRGOLINO. Clareando.

MARIA. Nem começou.

VIRGOLINO. E tu?

Ela olha para ele sem entender a pergunta.

VIRGOLINO. Levantou cedo por que?

MARIA. Me virei, tu não estava.

VIRGOLINO. Tem café?

MARIA. Quer?

Ele faz que sim.

MARIA. Agora?

VIRGOLINO. Não está pronto, não?

MARIA. Ainda não.

VIRGOLINO. Então deixa.

MARIA. Daqui a pouco os outro vão acordando, começando a ajeitar. Quando passarem o café eu trago.

Virgolino aquiesce. Um silêncio.

MARIA. Que foi?

VIRGOLINO. Que foi o quê?

Maria continua observando Virgolino.

VIRGOLINO. (*desconversa*) Nada. Bestagem.

Mesmo sem dizer nada, Maria não desiste de inquirir Virgolino com o olhar.

VIRGOLINO. Bestagem, Santinha.

Por um tempo, desistem os dois da conversa. É Virgolino que acaba por buscar a atenção de Maria:

VIRGOLINO. Santinha...

Maria se volta para Virgolino.

VIRGOLINO. Se eu pedir pra tu fazer o café, tu faz?

MARIA. Eu?

Ele faz que sim.

MARIA. Pra quê isso?

VIRGOLINO. Pra tomar. Vou querer café pra quê?

MARIA. Eita, que hoje ele está com a gota!

Virgolino se impacienta, desdenha do comentário de Maria.

MARIA. *(ainda avaliando)* Todo desconfiado... Tem nada não. Depois tu acaba falando mesmo. Toda vida é isso... Tu que sabe.

Silêncio.

MARIA. *(fazendo menção de sair)* Vou lá ajeitar esse café.

VIRGOLINO. Não! Deixa. Deixa os outro acordarem. Eu espero.

MARIA. Eu faço. Custa nada.

VIRGOLINO. Carece não. Daqui a pouco tu vai. Depois. Fique aí.

Silêncio.

VIRGOLINO. Não é nada não, viu? É que hoje eu queria tomar do teu café.

Ela ri.

MARIA. Tanto café melhor do que o meu.

Os dois riem.

VIRGOLINO. Mas eu queria.

MARIA. Pois faz lá o fogo.

VIRGOLINO. Daqui a pouco os outro levanta e acende. Não é sangria desatada, não. Dá pra esperar.

MARIA. Não é por isso, não.

Virgolino estranha o comentário de Maria e se volta para ela, que, incomodada, revida:

MARIA. Tu não tem tua bestagem? Pois então eu tenho a minha. Quer tomar do meu café, eu passo. Mas faça lá o fogo, que assim ninguém precisa esperar pelos outro. Faz logo tudo nós dois.

VIRGOLINO. E eu não já disse que não precisa?

MARIA. Ficou com raiva?

VIRGOLINO. Eu sou lá de ter raiva?

Esta fala faz Maria rir. Virgolino percebe o que disse e a acompanha. Ficam nisso até que o riso, por fim, se esvai.

MARIA. *(continuando após uma pausa)* Me deu foi medo.

VIRGOLINO. De quê?

Ela não responde.

VIRGOLINO. Não estou com raiva, não...

MARIA. Não estou falando disso. É esse teu jeito, essa tua conversa querer meu café, de eu pedir pra tu fazer o fogo.

VIRGOLINO. E o que é que tem lá isso?

MARIA. Parece agouro.

Ele faz o sinal da cruz, ela o acompanha.

VIRGOLINO. (*enquanto se benze*) Salvo fui, salvo sou, salvo serei, com a chave do sacrário eu me fecho.

Silêncio.

Passado um tempo, Virgolino ri entredentes.

MARIA. Está rindo de quê?

VIRGOLINO. Tanta agonia só por causa dum café!

Os dois riem. Maria observa Virgolino um pouco mais.

MARIA. Todo calado... Cabreiro.

VIRGOLINO. Já disse que não é nada.

MARIA. Pois jura.

Virgolino hesita por um tempo, por fim retoma:

VIRGOLINO. Foi sonho. Depois eu conto.

MARIA. Sonho de aviso?

Virgolino faz que sim. Um silêncio.

MARIA. (*reavivando a conversa*) E como é? Vai fazer o fogo ou não vai?

VIRGOLINO. Mais tarde. Está muito cedo ainda. Vá se deitar de novo, vá.

MARIA. Eu, não. Não estou nem doente.

VIRGOLINO. Doente, não, mas atrevida...

Ela ri.

MARIA. Parou mais a chuva.

Outra vez, silêncio. Maria se aproxima de Virgolino. Faz como ele, no momento: olha para cima.

MARIA. Está vendo se cai do céu algum macaco da polícia?

VIRGOLINO. (*estranhando a pergunta descabida*) Tá doida?

MARIA. Não foi tu que disse que iam jogar uns macaco do céu em cima de nós?

Virgolino ri.

VIRGOLINO. Não fui eu que disse, não. Deu lá, n' O Cruzeiro. Tem um lá dizendo que vai mandar do Rio de Janeiro uns macaco pra jogar de avião. Mas até hoje o mais alto que eu vi macaco foi trepado em árvore. Do céu mesmo, até agora só caiu foi chuva e bosta de passarim, Deus benza.

Mais risos.

MARIA. Como era o nome do balão que tu disse? O que eles usa pra pular do avião.

VIRGOLINO. Pára-queda...

MARIA. Aí só eu vendo pra acreditar se aparava mesmo uma queda dessa. Tem nêgo que cai dum trepado alto, quebra o pescoço, morre. Quanto mais do céu.

VIRGOLINO. Diz que apara.

MARIA. Só se eu visse. Esse povo de revista inventa tudo.

Um silêncio.

MARIA. E tu, heim? Nunca mais saiu nada teu em revista.

VIRGOLINO. Saiu ainda outro dia, que eu te mostrei.

MARIA. (*desdenha*) Aquela velha?

VIRGOLINO. Pois vá atrás duma nova e venha me dizer se não tem noticiário meu!

MARIA. E por isso vai gritar?

VIRGOLINO. Eu falo, tu não escuta. Toda revista que eu pego, e jornal, a peste que seja, tudo tem noticiário meu. Tudo tem. Foto grande assim, que tu já viu. E já estou com vontade é de arranjar um retratista pra fazer mais pose minha e dos cabra. Foto nova, que as outra o povo já viu.

MARIA. E não vai bater retrato meu não, é?

VIRGOLINO. E o que foi que eu disse nesse instante?

MARIA. Que ia mandar fazer foto tua e dos cabra.

VIRGOLINO. Os cabra, que eu digo, é vocês tudo, todo mundo.

MARIA. Pois eu não sou cabra seu, não. Quando quiser me botar no meio, fale meu nome. Meu nome não é cabra... É Maria. Maria Déa. E não venha querer depois consertar presepada que tu diz, não, que eu não sou burra. (*após uma pausa*) Eu, por mim... Nem de foto eu gosto. Quem gosta é tu. Um troço amaldiçoado daquele, um buraquinho de nada, deste tamanho, pirrototinho assim caber um monte de coisa. Isso é arte do cão. Como é o nome daquele retratista, o turco?

VIRGOLINO. Seu Abraão. E não é turco, não.

MARIA. É turco, sim. Foi ensinar como é que usava aquele troço. Não entendi foi nada, naquela fala dele. Devia estar era mentindo e ficava se fazendo de gago.

VIRGOLINO. Que gago, Santinha! É que ele só fala mais na língua dele lá.

MARIA. Pois uma coisa que eu não dou é confiança a retratista. Nem a turco. É tudo cigano. E quem gosta de foto é tu! Fica lá, todo posudo, todo sério. Quem vê, pensa que é gente.

VIRGOLINO. Não vou bater retrato meu pra macaco me ver rindo...

MARIA. Mostra aí, como é que tu faz.

Virgolino não lhe dá trela.

MARIA. E agora inventou de fazer mais pose, dele e dos cabra...

VIRGOLINO. Pois olhe, Santinha: eu encontrando um retratista, seja turco, cigano, gago, seja o cão, eu mando ele fazer os filme tudo que tiver na mala de foto tua, pra ver se tu cala essa boca. Vai ser do jeito que tu quer! Não vai sobrar nada! Tudo teu! Pronto!/
/

MARIA. (*corta*) Também não precisa ser tudo meu, não! Já disse que não gosto de foto.

VIRGOLINO. Do jeito que tu fala, parece que é tudo farra. Essas foto não é por boniteza, não: é por precisão. É pra quando receberem um bilhete meu, eu mandar junto a prova que quem está por trás é Capitão Virgolino Ferreira, Lampião, legítimo. Se eu não tomar cuidado qualquer bicho de orelha sai assinando em meu nome, fazendo mangofa. E outra: saindo as foto em revista, em jornal, acaba essas história que me mataram.

MARIA. E não já basta tu saber que está vivo, não?

VIRGOLINO. Não. Não basta, não senhora. É pra todo mundo saber que o Capitão Virgolino Lampião está vivo e bem. Eu sou governador do sertão, não sou moleque pra andarem anunciando minha morte em jornal sem ser. Olhe, Santinha, tu me conhece, eu não tenho amigo nem quero, mas meu respeito tem que ter. E onde eu chegar eu quero ver todo mundo, seja homem, menino, mulher, doutor, coronel, padre, seja a desgraça que for, eu quero olhar na cara e ver o respeito a mim, que eu não sou menino de recado. E procure a revista que não tenha noticiário meu que eu lhe compro, o peso dela em ouro. Porque dinheiro também eu tenho igual bosta de cabra em curral velho/

MARIA. *(corta)* Sossega o facho, pavão! Que tanto cabelo na venta é esse? Pose em jornal nunca valeu respeito a ninguém e tu sabe. Tem quantos aí espalhado nesse sertão que tu mesmo respeita e que nunca apareceu em jornal nem vai? Ora se isso lá é conversa... Tu gosta de ver tua foto em jornal porque tu acha bom aparecer. Diz, se não é!

Ele não retruca. Silêncio.

VIRGOLINO. *(retoma)* E tu não gosta não, né? Tu vai dizer que se eu não fosse assim como eu sou, tu tinha vindo mais eu/

MARIA. *(corta)* Não. Não tinha mesmo não. Do mesmo jeito que tu é eu também sou. Agora, *eu* mostro minha cara.

VIRGOLINO. E está arranjando briga comigo pra quê?

MARIA. E eu estou arranjando briga? Qual é a briga que eu estou arranjando?

VIRGOLINO. Diabo de mulher furdunceira...

MARIA. Cego véio. Aleijado.

VIRGOLINO. Mas tu gosta.

MARIA. Vou lá gostar de um perna fina desse... Canela de veado!

Lampião ri.

VIRGOLINO. Desmantelada...

Os dois riem. Silêncio.

VIRGOLINO. Se fosse só vontade de aparecer era tão fácil, Santinha... Tão fácil. Eu sou como sou, faço essas coisa que eu me presto a fazer não é só por gosto de aparecer, não. Já tive meus tempo de menino, de querer fazer bonito pros outro ver, mas agora, depois de velho, olhando pra trás e pra frente... Não é só vontade de aparecer, não. Mais antes fosse. É que se olhar bem, se olhar bem mesmo, não tem outro jeito, não. *(indica o acampamento ao redor)* Olhe esses cabra tudo aí mais eu. E ainda tem mais os que vai chegar por esses dia, os que estão mais Corisco e ainda os outro que não vêm. A vida deles é isso aqui mesmo, Santinha. Não tem outra não. *(batendo no peito)* Se isso aqui acabar... acaba tudo junto. Não tem como eu ser de outro jeito, não. Se não tiverem

respeito por Lampião, não tem mais cangaço, não tem mais é nada. E aí esse mundaréu de gente vão fazer o quê? Fosse só gosto de aparecer, estava resolvido, que a vaidade de um homem, grande como seja, não tem como ser maior que o homem, e não tem esse vivente que outro não mate e aí acabou-se o homem, acabou-se a vaidade, acabou-se tudo. Eu faço o que eu faço não é por vontade de aparecer, não. É que eles tudo depende de mim. É necessidade.

MARIA. *(com algum desdém)* Acabando Lampião, acaba o cangaço... É capaz até de ser verdade, isso. Viu, Virgolino? Capaz de ser... Agora, pra um cabra me dizer um troço desse e ainda querer que eu acredite que não é ostentação, fica difícil...

VIRGOLINO. Pois não vamo prosear mais não que eu cansei! Vim pra cá foi pra acalmar o juízo. Foi pra ter raiva não.

Silêncio.

MARIA. Zangou comigo, foi?

Ele não responde.

MARIA. Zangue comigo não... Eu falo essas coisa porque me agoneia.

Maria se aproxima de Virgolino, toca o esposo, que não retribui o carinho.

MARIA. Parou mais, a chuva... Se essa noite for assim, céu claro, era bom nós fazer uma arrasta-pé, não é não? Animar.

VIRGOLINO. Essa chuva volta.

MARIA. Pode voltar, pode não voltar.

VIRGOLINO. Volta. Toda noite está chovendo.

MARIA. Então faz nossa festa de dia.

VIRGOLINO. Estou com cabeça pra festa, não.

MARIA. Por que?

VIRGOLINO. Por nada.

MARIA. É essa história que tu não está querendo me contar.

Virgolino não diz nada.

MARIA. É sim.

VIRGOLINO. É não, Maria. Não estou é com gosto pra festa.

MARIA. Então está doente. Porque está pra nascer homem mais festeiro que tu.

Virgolino ri.

MARIA. É só pra animar. Pra tu não ficar desse jeito. Gosto de ver tu assim não.

VIRGOLINO. Depois nós conversa.

MARIA. Tu fala com Pedro de Cândido, manda arranjar um sanfoneiro.

VIRGOLINO. Sanfoneiro?

MARIA. Não pode não?

VIRGOLINO. É festa grande que tu está querendo, é?

MARIA. Grande, não. Festa pouca. Agora, custa arranjar um sanfoneiro? Melhor que ficar batendo forró em argola de fuzil.

Virgolino, brincando, levanta seu Mauser e procura a argola.

VIRGOLINO. É que eu não estou com meu papo-amarelo. Mas se improvisa.

Marca, batendo na lateral do Mauser, o compasso do forró.

VIRGOLINO. (*observando a reação de Maria*) Gosta não, é?

MARIA. Nem gosto nem desgosto, só acho é muito insosso.

Virgolino, sem parar de marcar passo com a argola de seu mosquetão, inicia um baião e cantarola baixinho:

VIRGOLINO. Olê, muié rendeira. Olê, muié rendá. Tu me ensina a fazer renda que eu te ensino a namorar/

MARIA. (*corta, num pedido*) Não cante isso aí não...

VIRGOLINO. (*parando*) Que foi?

MARIA. Ninguém está em persiga com macaco. Isso é pra vocês cantarem em peleja. Não gosto de estar ouvindo isso toda hora não. E tu sabe que eu não gosto.

Virgolino pára. Silêncio.

MARIA. Se tivesse aqui uma sanfona, tu mesmo tocava. Tocava não?

VIRGOLINO. Tanto tempo que eu não toco.

MARIA. Por isso que eu estou perguntando.

VIRGOLINO. Sei mais tocar não, Santinha. Desaprendi.

MARIA. E isso é coisa que desaprenda? Tu está muito é com a cabeça virada.

VIRGOLINO. Não. Só não estou pra festa.

MARIA. Parece gente velha.

VIRGOLINO. Tudo uma hora envelhece. Pra sempre, só Deus mesmo. Pois vai ver que foi indo, foi indo, deu a hora de envelhecer Lampião.

MARIA. Um homem forte desse falando besteira.

VIRGOLINO. Pois bem que tu disse: um homem. (*indica o acampamento e os cangaceiros que lá estão*) No meio de uma ruma de menino desse, homem feito já está mais pra velho.

MARIA. Não tem um aí que seja mais virado na gota que tu.

VIRGOLINO. Tu que diz. Depois o cego sou eu.

MARIA. Pois se está se achando tão velho, então é melhor parar! Larga essa vida! Vai fazer outra coisa!

Silêncio.

MARIA. Fica aí se maldizendo...

VIRGOLINO. E dizer que está velho é se maldizer?

MARIA. Não é não, mas essa vida que nós leva é pra gente com vontade. Se está esmorecendo então é melhor tomar outro rumo.

VIRGOLINO. Eita, que eu hoje acordei com a cabeça virada mas é tu que está com a macaca solta!

Silêncio.

MARIA. Tu sabe que às vezes eu tenho mesmo vontade de parar, não sabe?

VIRGOLINO. Já se falou disso.

MARIA. Pois tenho mesmo.

VIRGOLINO. É bem tua cara.

MARIA. É minha cara o quê?

VIRGOLINO. Qualquer dia desse largar essa vida, voltar.

MARIA. Rapaz, rapaz... Tu que começa a briga!

VIRGOLINO. Não é tu que está dizendo?

MARIA. Quando eu saí de Malhada foi sem olhar pra trás. Tu sabe.

VIRGOLINO. E pra que começou esse conversê?

MARIA. Quando eu falo em parar, não é pra voltar, não. É daqui pra mais longe. E é eu mais tu. Escolher outra vida, noutra canto.

VIRGOLINO. Onde?

Maria dá de ombros.

VIRGOLINO. Se não sabe o nome é porque não tem pra onde ir.

MARIA. Minas Gerais.

VIRGOLINO. Eita, que ela está querendo ir pra longe mesmo.

MARIA. Diz que é terra boa. Gado leiteiro, gordo, bonito. Os pasto tudo verde. Marruá valente, pra atçar vaqueiro bom. Coisa que tu sabe fazer.

VIRGOLINO. E sei mesmo.

MARIA. Sabe. E tu mesmo já disse que tem vez que tu lembra do sítio do teu pai, de tratar dos bicho, da roça e dá vontade de voltar pra lida em curral, vaquejar, essas coisa.

VIRGOLINO. De roça eu entendo pouco. Digo porque é mesmo. Mas curral, criação... Aí não tinha melhor, não, viu? E eu sou de fazer de um tudo, da hora que cobre a vaca até nascer o novilho e depois a lida pra crescer o bicho e pra sangrar, tirar couro, repartir a carne... Aí é comigo! Só solto quando a carne já está assada e o couro todo costurado!

Os dois riem.

VIRGOLINO. E não sou de fazer serviço porco, não. Quem me viu vaquejando, sabe.

MARIA. O povo diz mesmo.

VIRGOLINO. É verdade. Eu, quando eu paro assim, num sítio bem cuidado... Aqui não, que esses Cândido não tem cuidado com as criação, deixa tudo ao Deus-dará, mas quando eu vejo criação bonita, o sítio com as coisa tudo nos conforme. Ê, Santinha... Parece que estou é vendo. Chega eu paro. Fico por ali, espiando. Sentindo o cheiro. Pra lembrar como era, sabe? Só pra lembrar.

Silêncio.

VIRGOLINO. (*desvencilhando-se das memórias*) Bestagem.

MARIA. Bestagem nada, homem. Que bestagem o quê? Tu já falou tanto nisso e fica só na conversa. Pra sempre, só tem Deus, mesmo. Não foi tu que disse? Apois então? Se está no coração a vontade de largar isso aqui, deixa que o cangaço segue o rumo dele só. Deixa. Vamo parar nós dois. Vamo embora, cuidar da vida. Pega nossa filha e vamo tomar conta de viver. Faz quanto tempo que nós nem vê Expedita? Já se aventuramo nossa cota.

VIRGOLINO. Tu está cansada, né?

MARIA. Cansada, não. Mas se puder escolher...

VIRGOLINO. Eu toda vida disse que isso não é vida pra tu.

MARIA. Tu já me ouviu reclamar?

Virgolino não responde.

MARIA. Então cale a boca.

Silêncio.

VIRGOLINO. Maria.

MARIA. Diz.

VIRGOLINO. Se eu te mandasse na frente. Pra ir ajeitando um lugar, resolvendo. Acertando tudo, pra nós botar nossa vida noutro trilho, nós dois, eu e tu, fosse em Minas Gerais, ou noutro canto, onde tu quisesse, tu ia?

Maria reflete um pouco e responde com outra pergunta, no mesmo tom em que acaba de ser inquirida:

MARIA. Virgolino, se eu te mandasse pentear macaco, tu ia?

Maria ri. Virgolino ri. Silêncio.

VIRGOLINO. Minas Gerais... Se fosse bom, do jeito que o povo diz, não tinha mais pé de gente no sertão, estava tudo lá.

MARIA. Então deixa.

VIRGOLINO. Eu sou de derrubar marruá nas espinheira, Santinha. De campear mais meus cabra em sertão brabo. Até o Raso da Catarina, que não é terra de gente, é terra esquecida de Deus, nós atravessa. Porque nós conhece. Nós sabe. Eu nos pasto tudo verde... Não havia de dar certo, não. Nosso mundo é isso aqui mesmo. Isso aqui que tu está vendo. Saindo daqui, muda: nós não toma sustento não. Esgarça. Saindo daqui nós pode até não morrer, mas amofina.

MARIA. Não estou mais dizendo nada.

Silêncio.

MARIA. Tantos outro que saíram, largaram essa vida...

VIRGOLINO. Os outro não é nós. Onde nós for o povo dá conta.

MARIA. Ah, é mesmo... Esqueci que tu é muito famoso.

VIRGOLINO. Eu, não. Nós.

MARIA. Tu.

VIRGOLINO. Pois vai dizer que não é?

MARIA. Quantas vezes tu já não chegou em casa de fazenda e se apresentou como chefe de volante, dizendo que estava rasteando cangaceiro, que estava atrás de matar Lampião e não teve um que dissesse que tu era tu?

Virgolino não responde.

MARIA. Apois quem dirá em Minas Gerais...

Silêncio.

VIRGOLINO. Quero largar isso aqui não, Santinha.

MARIA. Uma hora diz que quer, outra hora diz que não quer.

VIRGOLINO. Aqui nós sofre, mas nós goza, tal-e-qual. E onde bater as vista em volta é nós que manda. Noutros canto, muda. Uma hora vão encontrar nós e tu sabe que eu não tenho paciência pra tralalá de polícia nem de juiz.

MARIA. E tu não é tão amigo do governador?

VIRGOLINO. Já disse que não tenho amigo nem quero.

MARIA. Verdade.

VIRGOLINO. Não vou dar confiança a ninguém, não. Dou confiança a meu Padim, que é homem santo, mas ele mesmo, tu sabe a história, ele mesmo já me veio com uma conversa que uma hora era uma, outra hora era outra.

MARIA. Vai falar mal de Pade Ciço?

VIRGOLINO. (*beijando a medalhinha de Padre Cícero Romão Batista*) Deus benza.

MARIA. Ah, bom...

VIRGOLINO. Estou só dizendo que já está de bom tamanho eu me confiar em mim mesmo. E chega.

MARIA. E em mim? Tu não confia não?

VIRGOLINO. *(após refletir um tempo)* Confio, Santinha. Como é que não vou confiar?

MARIA. *(após uma pausa)* Mas no fim mesmo, tu confia mais em tu, né?

Virgolino pensa muito antes de responder:

VIRGOLINO. Não fosse assim nós já estava tudo morto.

Silêncio.

MARIA. Mas tem os papel deles lá, homem. Fazendo o negócio direito é seguro. É certo. Se eles assina que as conta contigo estão acertada, não pode mais voltar atrás, não. Botou no papel, é palavra dada, não tem volta.

VIRGOLINO. Pois foi num papel desse que me deram patente de capitão, pra eu caçar os branquelo lá, dos comunista. Prestou pra quê? Sou capitão porque sou mesmo. Eu que me fiz. Não foi eles que me fizeram, não. A caneta de Doutor Floro não valeu foi de nada. Assinei minha patente foi com o sangue dos macaco. *(saca a faca)* Documento que eu conheço é isso aqui. Sou diplomado é nisso aqui. Minha lei. Dê as costa pra qualquer juiz desse de comarca pra ver o que eles não faz. Quer confiança de homem, venha procurar aqui, no meio dos meus cabra. Palavra de homem, palavra de pedra, até agora eu só vi foi aqui. Cabra de vergonha só tem é aqui. Em outros canto não tem, não. Meus cabra pode não ter anel de doutor, pode ter morte nas costa, mas é tudo honrado. Pare na porta de qualquer fazendeiro que me conhece e pergunte se ele se alegra mais com a chegada de Lampião ou da polícia. Pergunte. Pergunte e depois me diga se vale a pena cair em conversa de macaco, de político, de juiz. Vão enganar o cão! A mim não enganam, não!

MARIA. Terminou?

Virgolino não responde.

MARIA. Tu enjeita tanto assim os macaco, mas na hora de comprar bala, tu compra a quem? Heim? A quem é que tu compra bala?

VIRGOLINO. Compro a esses fi de porca, mas é negócio, não é amizade. Compro as bala mas não dou bom dia nem boa tarde nem boa noite. E macaco não carece de bala, não. Aliás, carece: nos peito. Bala no cano, só meus cabra. Junte os macaco que encontrar, encha um trem e não vale um dos que estão aí. Macaco, se prestasse, ia me vender bala, pra eu guerrear mais eles? E vende caro, que não são besta, são tudo fariseu. Bicho sem valor. Desconhece honra.

MARIA. Bom é teus cabra, né?

VIRGOLINO. É. Bom é meus cabra.

MARIA. Se tu está dizendo...

VIRGOLINO. Estou dizendo porque sei.

MARIA. Pois cadê tanta honra em Horácio, que mandou a mulher escrever aquela carta te insultando e botou a culpa nos Gilo? Quantos foi que tu matou enganado por ele? Mais de dez! E era teu cabra!

VIRGOLINO. Horácio naquele mesmo dia eu mandei embora.

MARIA. Mas quando te passou na conversa ainda era do bando.

VIRGOLINO. Mas não é mais.

MARIA. E Volta-Seca, Virgolino? Volta-Seca, que nós, bem dizer, criamo? Só foi botarem a mão naquele tição pra ele começar a falar mal de tu, a ajudar os polícia a encontrar teus coiteiro/

VIRGOLINO. (*corta*) Eu toda vida digo que não é pra dar confiança a nêgo, que nêgo não é gente. Mas tu gostava dele, eu ia fazer o quê?

MARIA. E tu não gostava não?

VIRGOLINO. Não.

MARIA. E não repartia mais ele a comida do teu prato? Não dizia que era mesmo que ser teu filho?

VIRGOLINO. Esconjuro. Aquilo era um tição atrevido, malino, falador. Deus me proteja de ter filho preto. Nêgo é a imagem do cão.

MARIA. E Esperança?

VIRGOLINO. Que é que tem Esperança?

MARIA. Tu sabe!

VIRGOLINO. Esperança foi-se embora. Estava no direito de ir. Outros também foram. Muitos. Aqui não tem ninguém preso a mim, não. Não amarro meus cachorro vou amarrar meus cabra? Se fica é porque quer. Do mesmo jeito, se quiser ir embora, vai.

MARIA. Foi-se embora levando a cabeça do outro, homem! Foi-se embora levando a cabeça de um companheiro, a cabeça de Cocada, cabra teu também, igual a ele. Cortou fora a cabeça do amigo só pra amaciar o coração dos polícia!

VIRGOLINO. (*numa explosão*) E pra que falar disso, Maria? Pra quê?

MARIA. Pra tu ver que tu não deve nada a eles. Nada. E nem eles deve nada a tu. Quer ficar, fica, mas por eles, não!

Um silêncio.

VIRGOLINO. O que tu está me dizendo não é novidade, não, Maria! Tudo isso que tu está dizendo, eu sei. Tudo isso que tu está dizendo aí, eu já te disse. No fim é só eu e tu. E Deus no céu. E Nossa Senhora.

MARIA. E meu Padim Pade Ciço.

VIRGOLINO. *(completa, beijando a medalhinha de Padre Céceró)* E meu Padim Pade Ciço.

Silêncio.

MARIA. Apois então?

VIRGOLINO. Apois então o quê?

MARIA. O que é que nós faz?

VIRGOLINO. E o que é que nós fez até agora?

Maria reflete um pouco antes de prosseguir:

MARIA. E fica nisso até quando?

VIRGOLINO. Quem é que sabe...

MARIA. Tu, Virgolino! Quem tem que saber é tu!

VIRGOLINO. *(corta a conversa)* Mas não sei!

Silêncio.

MARIA. Deixa... Fica por isso mesmo. Não estou reclamando de nada, não. Falei por falar. Engatamo essa prosa, eu deixei seguir. Tem coisa que nós faz vexado, sem pensar, mas outras coisa toma tempo. De todo jeito está bem. Outra hora nós conversa. Outro dia./

Dispara um alerta em Virgolino, que corta a fala de Maria pedindo silêncio com um gesto. Ela se cala imediatamente e o interroga com o olhar. Virgolino aguça os ouvidos, presta atenção.

MARIA. *(num sussurro praticamente inaudível)* Que foi?

Virgolino volta a pedir silêncio. Maria volta a se calar. Virgolino assobia, imitando uma ave. Passados alguns instantes, ouve algum cabra, um vigia, retornar à distância o mesmo assobio. Repete a operação e, outra vez, recebe a resposta. Acalma-se.

MARIA. Ouvindo coisa?

VIRGOLINO. Parece.

MARIA. Bote tento, homem. Me deu um susto.

Outra vez, Virgolino parece ouvir algo. Pede silêncio. Maria obedece. Virgolino assobia e recebe a resposta.

MARIA. (outra vez sussurrando) Que diabo é isso, Virgolino? Está ficando doido?

VIRGOLINO. Não ouviu, não?

MARIA. Não, senhor. Não ouvi nada. Só Quinta-feira respostando.

VIRGOLINO. Esse Quinta-feira não é gente não. Aquela peste é uma mula. Mula batizada. O diabo, eu dou as ordem a ele, é ver falar com uma porta! Tudo nós explica pra aquele moita. Tudo. Tudo nós diz mais de uma vez. Mas é mesmo que falar com criança. É mandar o miserável fazer de um jeito que ele faz do outro. E não é burrice não, é sem-vergonhice. Se faz de besta pra melhor passar. Mas deixe... Clareando o dia tu vai ver o que está guardado pra ele.

MARIA. E ele não está fazendo do jeito que tu mandou, homem?

VIRGOLINO. Mas não está no canto certo. Mande ele se amoiatar foi lá na beira do rio, ele está muito pra cá.

MARIA. Como é que tu sabe?

VIRGOLINO. Pelo piado. Quando eu pegar esse cabra ele vai ver.

MARIA. Quinta-feira é um cabra tão bom...

VIRGOLINO. É bom de levar uma mãozada no pau da venta dele pra aprender a ficar no canto certo.

MARIA. Deve ter caçado algum canto pra não se molhar na chuva.

VIRGOLINO. Era só o que faltava, mesmo. Pois se vive andando por aí todo faceiro dizendo que não tem medo de bala, vai ter medo de chuva? Ele não é de rapadura, pra se desmanchar dentro d'água... Mas deixe que eu quebro a castanha daquele sarará.

MARIA. Também, não sei pra quê essa agonia! As volante não foram no rumo de Pedra?

VIRGOLINO. Diz que foram.

MARIA. Pois então?

VIRGOLINO. Uma coisa é dizer, outra coisa é ir. Diz que foram no rumo de Pedra, mas se eu não estou lá pra ver, não dou garantia, não posso!

Um silêncio.

VIRGOLINO. E Quinta-feira não está no canto que eu mandei ele ficar, não!/
Virgolino se contém por um tempo. Após uma pausa, se dirige outra vez a Maria:

MARIA. *(corta)* Vai começar de novo?

Virgolino se contém por um tempo. Após uma pausa, se dirige outra vez a Maria:

VIRGOLINO. Maria...

Ela se vira para ele.

VIRGOLINO. *(tirando um frasco de um bolso)* Pega aqui pra tu.

Maria se recusa a pegar o frasco.

VIRGOLINO. Pega.

Maria faz que não.

MARIA. Não gosto nem de ver tu andando esse troço, vou querer isso pra mim? Está variando da cabeça?

VIRGOLINO. Estou. Pode ser que tu pegando isso aqui eu melhore.

MARIA. Quinta-feira está no canto errado, mas respondeu que está tudo em ordem. Está com medo de quê?

VIRGOLINO. De nada.

MARIA. Então me deixe.

VIRGOLINO. Tu sabe como é nossa vida, Santinha. Não tem hora certa de descanso, não tem hora certa de persiga. *(oferece outra vez o frasco)* Anda. Pega.

MARIA. Parece que está é me agourando...

VIRGOLINO. Vira essa boca pra lá, mulher!

MARIA. Então jogue isso fora!

VIRGOLINO. É que se te pegarem, Maria – não vão te pegar, não – mas se acontecer alguma coisa... É melhor tu estar com isso aqui. Só pra ter certeza.

MARIA. Viva eles não me pega, não. Jogue esse veneno fora, jogue. Se eu tiver de morrer é na luta.

VIRGOLINO. Vai que um dia precisa...

MARIA. (*ênfatiza*) Se eu tiver de morrer é na luta.

VIRGOLINO. Tu está certa. O que tu está dizendo aí está certo, Santinha. Mas eu estou te pedindo pra guardar isso aqui mais tu é pra eu ver se eu assossego minha cabeça. (*oferece outra vez o frasco*) Tome. Não diga nada, não. Pega aqui.

Maria hesita um pouco, mas cede. Vai até Virgolino, recebe o frasco de veneno e o guarda consigo. Uma pausa.

VIRGOLINO. Santinha.

MARIA. Que foi?

VIRGOLINO. Vem cá.

Maria se vira para Virgolino, que a observa com ar minucioso.

MARIA. Que foi, homem?

VIRGOLINO. Chega aqui.

Maria se aproxima. Virgolino indica-lhe um detalhe numa peça de couro que compõe-lhe a vestimenta.

VIRGOLINO. Está descosturando, olha.

MARIA. Onde?

VIRGOLINO. Aqui, olha.

Maria confere, e tenta minimizar a falha em sua roupa:

MARIA. Não dá nem pra ver.

VIRGOLINO. Tem que ajeitar. Isso aí tu vai deixando, do jeito que nós é o tempo todo pra cima e pra baixo, vai, descostura o resto. E eu não quero ver tu andando esmulambada, não, com a roupa desaparegando. Tu é pra andar bonita.

Maria sorri, lisonjeada.

MARIA. Solta aí pra eu ver.

Maria avalia com mais cuidado a costura rota.

MARIA. É coisa pouca, homem. Ora, se isso lá é nada. Depois eu costuro. Na mão mesmo eu faço um arremate.

VIRGOLINO. Na mão?

MARIA. Que é que tem?

VIRGOLINO. Não está vendo que vai esfolar teu dedo costurar isso a mão, Santinha?

MARIA. E eu por acaso tenho mão de moça donzela? Isso aqui é só dar três ponto, espaçado. É num instante.

VIRGOLINO. E pra quê fazer isso na mão, teimosa? Nós não está com a máquina aí?

MARIA. Está.

VIRGOLINO. Então? Trouxemo essa máquina foi pra quê?

MARIA. Mas se tu passa o dia em cima dela, não deixa ninguém chegar perto!

VIRGOLINO. Porque estou trabalhando, Santinha! Não estou sovinando a máquina, não. É trabalho.

MARIA. E o que diabo é que tu tanto faz?

VIRGOLINO. O bernal de Peitica. Estou bordando.

MARIA. Mas tem cabimento um negócio desse? Se o bernal é de Peitica por que ele não borda? Tudo tu se oferece pra fazer. O bernal quem vai usar não é dele?

VIRGOLINO. Quem vê diz que tu não conhece Peitica, Maria. Tu não sabe que o cabra é leso da cabeça pra essas coisa? Fazer o quê... Desde que eu dou conta de Peitica que eu ensino ele a dobrar costura, a cerzir. Ele aprende? Não tem jeito, não. O pobre do miserável até tenta, mas aí eu risco o molde e quando ele vai encher fica tudo esgarçado, sobrando pra fora, a costura toda enviesada, os ponto tudo frouxo. Faz é pena de ver a cara do pobre, pelejando. Aí tomei da mão dele... Deixa que eu faço.

MARIA. E ainda tem a roupa do teu sobrinho.

VIRGOLINO. Ali vai demorar mais, que a dele eu quero fazer bonita. Tu viu o cantil que eu dei a ele?

MARIA. Qual?

VIRGOLINO. O com a estrela de Salomão.

MARIA. Foi tu que fez?

VIRGOLINO. Foi.

MARIA. Bonito

VIRGOLINO. Quando eu me presto a costurar e a bordar é com vontade, mesmo. É pra encher as vista. (*indica a falha na vestimenta de Maria*) Isso aí, depois tu me dá, eu num instante endireito.

MARIA. Tu com tanta coisa pra fazer, ainda quer arranjar mais serviço... Deixa. Depois eu arrumo.

VIRGOLINO. Não senhora. Se estou dizendo que faço é porque faço.

MARIA. E o resto das coisa que tu tem pra bordar?

VIRGOLINO. O resto espera. É resto. Depois eu faço. Primeiro de tudo é minha mulher. *(acenando para que Maria se aproxime)* Venha cá.

MARIA. Pra quê?

VIRGOLINO. Venha...

MARIA. Que foi, homem?

VIRGOLINO. Anda, Santinha! Não estou lhe chamando? Venha cá...

MARIA. Cada uma...

Maria se aproxima de Virgolino um tanto a contragosto, sem saber exatamente o que o marido tem em mente.

MARIA. *(já bem perto)* Que foi?

Virgolino a abraça, com força. Ela retribui. Ficam assim algum tempo. O abraço, por fim, se desfaz. Separam-se.

MARIA. *(após uma pausa)* Tu é um marido bom.

VIRGOLINO. Se é tu que está dizendo...

MARIA. Não acredita, não?

VIRGOLINO. Se tu diz, eu acredito.

Silêncio. Virgolino ri.

MARIA. Está rindo de quê?

VIRGOLINO. Tu aí dizendo que eu sou um marido bom.

MARIA. Que é que tem?

VIRGOLINO. Me dá muito gosto de ouvir.

MARIA. Isso eu já disse mais de uma vez.

VIRGOLINO. E eu toda vida gosto.

MARIA. Eu vejo a gente chegar nos canto, tem vez que o povo sai tudo correndo com medo de tu, mas eu te conheço. Tu não é de raça ruim, não. Tu é homem bom. Coração bom. Tem vez que solta um capeta, que pega fogo em tu, tu muda. Dá pra ver no olho. Vem o demo, toma conta, mas/

VIRGOLINO. (*corta*) Esconjuro, mulher! Eu sou filho é de Nosso Senhor! (*fazendo o sinal da cruz*) Vou lá ter parte com o cão...

MARIA. Não estou dizendo isso não, Virgolino. Está doido? Mas é que tem hora que pega um fogo dentro de tu que sai queimando tudo, sai lambendo tudo na frente, lanhando tudo que não mede é nada. Tu sabe que essas hora vêm. Quando dá fé tu não enxerga mais. Fica cego.

VIRGOLINO. É a guerra, Santinha. É essas persiga, que muda nós.

MARIA. Não é isso, não. É dentro de tu.

VIRGOLINO. É dentro, mesmo. Os tiro papouca fora, mas no peito da gente o sangue ferve. Queima. Do jeito que tu disse.

MARIA. Fosse só isso os outro era igual. Mas tirando talvez Corisco, não tem um igual a tu. Os outro muda também, mas tu é mais. Tem um ódio engarguelado no teu peito que quando solta é maior que o dos outro.

VIRGOLINO. Não é ódio, não.

MARIA. É o quê?

Virgolino pensa, mede, pondera e, só então, arremata:

VIRGOLINO. É um troço que não tem nome.

Silêncio.

MARIA. Naquele dia em Bom Conselho, homem. Que foi aquilo?

VIRGOLINO. Lá vem tu de novo. Tudo tu se impressiona.

MARIA. Precisava daquilo?

VIRGOLINO. O língua solta lá tinha dado meu rumo à polícia, Santinha. Olheiro. Não viu ele dizendo? Foi ele mesmo que disse. Na minha cara.

MARIA. Mas aquilo que tu fez...

VIRGOLINO. As volante já fez muito pior.

MARIA. Não quero saber de volante. Tu é cangaceiro, não é macaco.

VIRGOLINO. Corisco também já fez muita coisa/

MARIA. (*corta*) Não sou mulher de Corisco! Dadá que agüente ele lá. Meu marido é tu. (*lembrando*) Amarrar o miserável do barbudo num poste e arrancar os olho dele a faca com as criança tudo vendo. Sangue espirrando pra todo lado... Não precisava daquilo não.

VIRGOLINO. Era o castigo dele.

MARIA. Castigo dele era morrer. Pronto. Não tinha que arrancar os olho do homem, ele ainda vivo, gritando, não. Depois ainda estourou a bala os dois olho largado no chão... Pra quê?

VIRGOLINO. É para dar o exemplo do traidor. Os outro sertão afora escuta que eu fiz aquilo, já não me trai mais.

MARIA. Tanto que eu pedi pra tu parar.

VIRGOLINO. Se eu for parar toda vez que tu pede...

MARIA. Tu nem ouviu. Tu mesmo disse depois que não me ouviu gritando. Estava era pegando fogo. O demo correndo no sangue. Cego. Surdo. Só escutava e só via o bicho dentro de tu. Se era pra acertar tuas conta, acertasse. Estava no direito. Tenho nada com isso não. Mas esse mundo véio já tem tanta coisa feia. Pra quê arranjar mais? O cabra lá tinha que morrer, mesmo. Língua-frouxa. Estava certo passar a pronto. Mas tinha que ser daquele jeito? Tua pega era só com ele, não era com o resto da casa. Eu gritei não foi pra salvar o olheiro, não. Se tu deixasse, quem mandava ele pro inferno era eu. Gritei foi pra tu mandar ao meno as criança entrarem pra dentro de casa. Querer que a mulher visse o castigo é uma coisa. Mas as criança, Virgolino... Os bichinho pequeno tudo chorando, chamando o nome do pai. Tudo agarrado na mãe, as mãozinha dada. Tanto que eu gritei pra tu... Tu nem me ouviu. Tu nem me ouviu gritar.

Longo silêncio.

VIRGOLINO. Parece que nós vai é ficando bruto. Eu, às vez, eu paro. Fico lembrando, imaginando. Eu não era assim, não. Rapazote talqualmente os outro: tinha lá minha valentia, o pavio mais curto, mas vou lá dizer que era diferente? Não era. Mas vai indo, vai indo... De lá pra cá é tanta coisa, Santinha. O jeito que judiaram do meu pai até Seu Ferreira morrer. Pouco antes já tinha ido minha mãe, do desgosto. Eu não podia deixar por isso, não. Aguentar calado os Saturnino, os macaco acoçando nós feito se acossa um bicho... Não podia.

MARIA. Saturnino está vivo ainda. Bem vivo. E outros tanto já morreram.

VIRGOLINO. Saturnino está vivo até a hora que cair na minha mão.

MARIA. Se cair.

VIRGOLINO. “Se cair”, não: vai.

MARIA. Dos cabra que existe no mundo, Virgolino, tu é dos que pode mais. Já vi tanta gente graúda beijando teu pé, te chamando de “Capitão”. Tudo isso eu já vi. Se tua vontade maior, se o que eu teu coração pedisse mais fosse pra esse Saturnino morrer, ele já estava era morto. Nós não estava tendo essa conversa, não.

VIRGOLINO. Eu sou um dos cabra que pode mais no mundo, é?

MARIA. É. É, sim.

VIRGOLINO. E que tamanho é o mundo, Santinha? Que tamanho é o mundo, que tanto nós roda e só volta pro mesmo canto? Nós campeia esse sertão de cima abaixo, quando dá fé nós está no mesmo canto, vendo as mesma cara. Numa volta dessa eu ainda bato com Saturnino. Ainda me pego com ele. Meu desgosto começou foi com ele. Os outro é que foram se metendo... Quando eu paro pra ver agora é tantos inimigo que tem uns que eu não sem mais nem por onde foi que começou. Lhe juro. Tem uns que eu nem sei. Mas meu desgosto maior é Saturnino.

MARIA. Por que foi mesmo que vocês começaram a briga?

VIRGOLINO. Tu sabe.

MARIA. Mas quero ouvir tu dizer.

VIRGOLINO. Pra quê?

MARIA. Por que eu quero.

VIRGOLINO. *(meio que para si)* Foi por causa dum chocalho.

MARIA. *(frisa)* Um chocalho...

Uma pausa.

MARIA. Tu acha que derretendo o ouro que tem aí guardado tu faz quantos chocalho?

Virgolino ri.

MARIA. Não ria não. Responda.

VIRGOLINO. *(após uma pausa)* Com quantos chocalho de ouro é que traz de volta Antônio, Ezequiel e Levino, meus irmão? Me diz aí quantos é, que nós junta o ouro que for, eles volta e aí pronto, acabou-se. Não é por dinheiro, não, Maria. Esse dinheiro que nós junta, faz é deixar os macaco tudo doido pra atacar. Os macaco acha que nós anda todo coberto de ouro.

MARIA. E não anda não, é?

VIRGOLINO. *(após pensar um pouco)* Até que anda mesmo, né? Macaco é burro mas não é besta, não.

Riem os dois.

MARIA. Tudo tu faz troça, Virgolino. Isso é conversa séria.

VIRGOLINO. Não estou fazendo troça, que eu não sou moleque. Estou dizendo uma verdade. Não é dinheiro que me segura nessa vida não, Santinha. Não é dinheiro não e tu sabe.

MARIA. E é o quê, Virgolino?

VIRGOLINO. É que nesse mundo tem muita gente ruim. Gente sem valor. Bicho de peçonha. Um dia teve uns desse, os Saturnino, que arranjaram desavença comigo e com meus irmão. Se eu fosse outro, tinha deixado passar. Deixava barato. Ficava por isso. Tem muitos que deixa. Mas eu, não. Eu vou atrás. Vou mesmo. Como é que não vou? Está na palavra de Deus que é olho por olho, dente por dente. E a justiça que eu conheço é essa, porque é a certa. Pois bem: fui atrás de vingar um mal-feito. Estava no meu direito. Só que uma coisa puxa outra, que puxa outra, que puxa outra... E estou aqui. Ainda não acabou.

MARIA. Nem vai.

VIRGOLINO. Uma hora acaba. Tudo acaba. Pra sempre, só Deus.

MARIA. Pois Deus não ensinou só vingança, não. Também ensinou perdão. Pade Ciço mesmo diz.

VIRGOLINO. Só que perdoar eu não aprendi, não. Nem quero.

Silêncio.

MARIA. Só tu que sabe o que é certo.

VIRGOLINO. Eu estou dizendo isso?

MARIA. Não está, não?

VIRGOLINO. Estou não senhora. Só quem diz o certo do errado é Deus. Estou dizendo é que meu caminho, quem traçou fui eu. Estou dizendo é que se o cabra parar os outro vem e engole. Os outro vem e monta em cima. E isso nós não pode deixar. Não pode. Errado por errado, minha justiça quem faz é eu mesmo. Certo ninguém não está, mas uma coisa eu digo: Os que engole calado, os que não faz nada, não mexe uma palha pra mudar as porcaria que tem no mundo, também não estão certo, não. O mundo é do jeito que é mode o que nós faz dele. Pois o que eu estou fazendo do mundo é isso que tu está vendo. Só isso mesmo. Nem mais, nem menos. Bem ou mal. É isso que tu está vendo e se estiver achando ruim siga seu rumo. Não amarro meus cachorro, não é tu que eu vou amarrar!

MARIA. Virgolino.

Virgolino se acalma e presta atenção ao que quer dizer Maria:

MARIA. Porque é que tem vez que tu fala desse jeito?

VIRGOLINO. Desse jeito como?

MARIA. Como seu eu fosse inimiga tua. Como se eu não fosse tua mulher.

Virgolino não responde.

MARIA. Eu estou mais tu, viu?

VIRGOLINO. *(após uma pausa)* Está mesmo, Santinha? De a vera?

Maria faz que sim.

VIRGOLINO. Tem vez que eu olho pra tu, eu fico imaginando.

MARIA. Imaginando o quê?

VIRGOLINO. Imaginando por que é que com tudo isso, tu ainda está mais eu.

MARIA. Porque estou, Virgolino. Pronto. Não tem resposta pras coisa, não. Não pode é ficar parado. Não é tu que diz?

VIRGOLINO. É.

MARIA. Pois então? Não pode é ficar parado. Acabou-se.

Longo, longo silêncio.

VIRGOLINO. Maria.

Maria se volta para Virgolino.

VIRGOLINO. Tu sabe que a próxima vez que nós encontrar eles, eles vai estar com metralhadora, não sabe?

MARIA. Ora se isso é nada! Está esquecendo teu nome, pra ficar com medo de macaco com metralhadora? Não tem quem atire mais ligeiro que tu, não. Não troco a metralhadora deles lá por teu papo-amarelo nem por muito dinheiro. E daqui a pouco chega as nossa. Tu não já mandou comprar?

VIRGOLINO. Mandei, mas não chegou.

MARIA. Não chegou não, mas vai.

VIRGOLINO. Fé em Cristo.

MARIA. Fé em Cristo.

De novo, súbito, Virgolino parece ouvir algo que chama sua atenção. Silencia Maria com um gesto e se põe a ouvir atentamente. Assobia. Ao longe, Quinta-feira responde. Assobia de novo. Outra vez, Quinta-feira responde.

VIRGOLINO. Fí duma égua. Está muito perto.

MARIA. Tu que está ouvindo coisa.

Silêncio.

VIRGOLINO. Santinha.

MARIA. Que é, homem?

VIRGOLINO. Aquela história, que eu não queria contar.

MARIA. Que história?

VIRGOLINO. O sonho.

Virgolino tem o impulso de levar a conversa adiante, mas aparentemente desiste. O olhar de Maria continua inquirindo-o.

VIRGOLINO. *(retomando)* Estou pensando se não foi aviso.

MARIA. Coisa ruim?

Virgolino faz que sim.

MARIA. O quê?

VIRGOLINO. Tu sabe: quando eu sonho, é mesmo que ter certeza.

MARIA. Diga logo. Já está me agoniando.

VIRGOLINO. Veneno.

Maria fica séria.

VIRGOLINO. No sonho. Envenenavam nós.

MARIA. *(perquirindo, um tanto incrédula)* Virgolino...

Virgolino se volta para Maria.

MARIA. É verdade essa história?

Ele responde com um movimento vago de cabeça.

MARIA. E os outros cabra toda vida não come primeiro? Vai envenenar nós como?

VIRGOLINO. (*dando de ombros*) Por isso mesmo que não encontro sossego.

MARIA. Pedro de Cândia chegando, nós bota ele pra comer antes. De tudo que ele trazer, vai ser o primeiro que come. Farinha, rapadura, carne... Tudo. Se tiver veneno na comida, resolveu-se.

VIRGOLINO. Pedro de Cândia é confiança meu.

MARIA. Pois melhor. Se é confiança, além de não morrer ainda vai encher o bucho. Vai ficar é muito feliz.

Os dois riem.

VIRGOLINO. Não há de ser Pedro, não.

MARIA. Nesse instante estava dizendo que não confiava em ninguém.

VIRGOLINO. Não é que eu confie, propriamente. Só que estou achando que vem de outro canto. Fosse da mão de Pedro, estava resolvido. Tu mesmo disse. Mas não. Há de ser outra coisa.

MARIA. O quê?

Virgolino dá de ombros.

MARIA. (*desdenha*) Já tentaram envenenar nós mais de uma vez.

VIRGOLINO. Eu sei. Está me aperreando é outra coisa. Quero saber de onde vem essa traição.

MARIA. Lá vem de novo a bestagem. Para quê isso? Se é veneno na comida, morre quem traz. Acabou-se a conversa. Não já basta estar vivo? Pois então? Ainda quer saber quem foi... Para quê? Para quê nome? Serve de quê? Tanta gente querendo lhe matar... Fosse botar os nome tudo no papel não tinha livro no mundo que desse conta.

Ele ri.

MARIA. Estou mentindo?

Ele faz que não.

VIRGOLINO. Está muito é certa.

Os dois riem. Um silêncio.

VIRGOLINO. É coisa grande que está vindo. Nós tem que descobrir essa história.

MARIA. (*se esquivando*) Se tu quer...

VIRGOLINO. Maria.

Maria se volta para Virgolino, que continua.

VIRGOLINO. Se eu pedir uma coisa/

MARIA. *(corta)* Lá vem com marmota...

VIRGOLINO. Se eu pedir, tu faz?

Maria não responde.

VIRGOLINO. Faz ou não faz?

MARIA. *(após uma pausa)* Tu me conhece.

Silêncio.

VIRGOLINO. Pois eu queria que tu arranjasse uma roupa, roupa normal, paisana, e fosse em Piranhas.

MARIA. Ficou doido?

VIRGOLINO. Um dos cabra indo, dá nas vista. Eu não quero alarde, não quero tiro, não quero morte. É serviço para fazer calado. Quero é botar essa história a limpo. Tu vai?

MARIA. Ê, Capitão...

VIRGOLINO. Que foi?

MARIA. Nunca deixou as mulher do bando fazer nada. Só fugir, quando fosse a hora. Disse que só ia ensinar nós a atirar para o causo de precisar se defender. Toda vida aquele tralalá que cangaço é pra homem, que mulher de cangaceiro não é cangaceira, e agora vai começar a fazer diferente, depois de tantos ano?

Virgolino não responde.

Maria ri.

VIRGOLINO. Cadê a graça?

MARIA. A graça é que pelo visto até Virgolino Lampião uma hora paga pela língua.

VIRGOLINO. Maria.

MARIA. O quê?

VIRGOLINO. Cala a boca.

Silêncio.

VIRGOLINO. Tu não querendo ir eu te dou o direito de recusar meu pedido. Mas não me tome na troça, não. O que eu estou dizendo é coisa séria. Tu é minha mulher, mas não me tome por palhaço, não, que se eu hoje começar a brincar, ninguém não vai achar graça. No teu juízo tu acha melhor não ir: não vai. Acabou-se a prosa.

MARIA. *(após uma pausa)* Não já tem teus coiteiro lá?

VIRGOLINO. E quem é que confia em coiteiro pra uma coisa dessa?

MARIA. Chegando lá eu faço o quê?

VIRGOLINO. Se for do jeito que estou pensando, a conversa vai estar rodando a cidade. Tu descobre, volta e me conta.

MARIA. Rodando pela cidade o quê, homem? Maluqueceu? Se estão querendo te envenenar vão lá deixar conversa solta?

VIRGOLINO. Que não vão estar gritando na praça eu sei. Por isso que eu quero mandar tu. Os outro indo, não ia dar jeito, não. Nem cabra, nem coiteiro. Nada. Só quem pode ver isso é tu, que é esperta. Chegando lá, tu dá teu jeito. Tu descobre. Depois volta e me conta. Tu botando roupa paisana, amarrando o cabelo, tu muda. Nem parece. Fica outra.

MARIA. Conversa mais frouxa...

VIRGOLINO. Se estou dizendo para tu ir é porque não tem outro jeito. Agora, se está com medo, não vai. Já disse.

Um silêncio.

MARIA. Me conte como era esse sonho.

VIRGOLINO. Para quê?

MARIA. Era coisa séria, mesmo? A vera?

VIRGOLINO. Desgraça.

MARIA. Esconjuro.

Um silêncio.

VIRGOLINO. Está certa. Deixa... Doideira minha. Não está certo eu lhe botar num negócio desse, não.

MARIA. Não é pelo perigo, não. Não estou é gostando dessa história. Mas se é para ir, se é o que tem de ser, eu vou. Se tu está me dizendo que só tem esse jeito, eu vou. É para quando?

VIRGOLINO. Clareando mais, eu mando um cabra te acompanhar até uma parte do caminho. Depois tu segue só.

MARIA. Agora já?

Virgolino não responde.

MARIA. E quando for para voltar?

VIRGOLINO. Esse acampamento dura pouco. Depois de amanhã, o mais tardar, nós segue. Sábado nós já vai estar a caminho. Estou só mesmo esperando o tempo de Corisco chegar, na sexta. Conversa rápida, aí nós segue. O melhor é tu encontrar nós mais na frente. De Piranhas, tu já segue no rumo de Água Branca. Lá tem muita gente nossa, tu escolhe um lugar para ficar. Nós vai e te pega. *(após uma pausa)* Vá se aprontar.

Maria não vai.

VIRGOLINO. Tu tem um vestido a paisana aí, que eu sei. O azul. Bonito. Daquela gola assim. Da chita azul com branco.

MARIA. Não é branco, não. É um azul mais claro. Parece branco.

VIRGOLINO. Agora, tu toma cuidado para não dar espaço para enxerimento, Maria. Bote sentido, viu? Que tu chegando lá toda bonita, o perigo maior é se engraçarem pro teu lado.

Eles riem.

VIRGOLINO. Vai.

Maria não vai.

VIRGOLINO. Que foi?

Maria ri.

MARIA. Tu disse que era coisa de urgência, sangria desatada.

VIRGOLINO. “Era”, não: é.

MARIA. E só vai encontrar comigo agora lá para segunda feira?

Silêncio.

MARIA. Êta pressa doida...

VIRGOLINO. Nós vai te encontrar na segunda. Pode até ser antes. Segunda é o mais tardar. Agora, tu não entendeu direito, nós te pega segunda, mas essa história, tu vai mandar recado antes por um dos coiteiro/

MARIA. (*corta*) Tu tá mentindo. Tu tá fazendo isso só pra eu ir embora.

Silêncio.

MARIA. Eu não já disse que não vou? Tu inventou essa história toda para me mandar embora, não foi? Diz, se não foi.

Virgolino não responde.

MARIA. Está respondido.

VIRGOLINO. Maria.

MARIA. O quê?

VIRGOLINO. Se não tem coragem de ir, diga. Mas não fique dizendo que estou inventando história, não.

MARIA. Tu não consegue mentir para mim. Olha na minha cara.

Pausa: ele não olha.

MARIA. Olha na minha cara!

Pausa: ele não olha.

MARIA. Eu fico.

VIRGOLINO. Tu vai embora.

MARIA. Vamo ver.

VIRGOLINO. Tu vai embora, que agora eu estou mandando!

Ela não diz nada, mas também não faz menção de sair.

VIRGOLINO. Eu lhe dei uma ordem. Está esperando o quê?

Nenhuma resposta.

VIRGOLINO. Vai desacatar ordem minha? Heim? Vai me desacatar?

Nenhuma resposta.

VIRGOLINO. Tu sabe o que eu faço com quem me desrespeita no bando, não sabe? Pois pra tu não vai ser diferente, não. Estou lhe mandando ir embora. Se ainda abrir essa boca mais uma vez para dizer que não vai, tu sabe como é que vai ser/

MARIA. (*corta*) Vai me matar, Capitão?

Virgolino não consegue responder.

MARIA. Pois se a ameaça é essa, então o jeito é cumprir, porque eu não vou sair, não.

VIRGOLINO. Tu me conhece, Maria, não conhece?

Maria não responde.

VIRGOLINO. Olhe bem na minha cara. Tu estava querendo tanto olhar na minha cara, pois a hora é essa.

Maria o encara.

VIRGOLINO. Veja se eu estou brincando. *(indicando os olhos)* Olhe para cá.

MARIA. Segura, Virgolino... Segura. Não é hora de soltar o diabo, não. Eu sou tua mulher. Onde é que já se viu disso?

VIRGOLINO. Tu me conhece, Maria. Olha a força que estou fazendo. Olha a força que eu estou fazendo para não me perder.

MARIA. Que é isso? Está me estranhando?

VIRGOLINO. *(ameaça)* Maria...

MARIA. Deixe de conversa. Ande. Vamo arranjar o que fazer. Isso aí é de nós dois ficar parado jogando conversa fora, falando de desgraça, dando trela pro demo chegar. Vamo trabalhar/

VIRGOLINO. *(corta)* Maria, tu vai embora!

MARIA. Vá pro inferno!

Virgolino cala Maria, segurando-a pelo queixo. Fita-a.

VIRGOLINO. Tu vai embora e não vai voltar é nunca mais!

Maria cospe Virgolino na cara. Ele a puxa para si, dominando-a. Saca então sua faca e a posiciona, verticalmente, atrás da clavícula de Maria. Ela o faz parar com um grito:

MARIA. Espera, homem!

Virgolino detém o golpe, mas continua dominando Maria, que fala com dificuldade, presa na chave de braço de Virgolino.

MARIA. Que é que tu está fazendo?

VIRGOLINO. Eu não mandei tu ir embora? Pra que é que tu tinha que me desafiar?

MARIA. Calma.

VIRGOLINO. Tem mais calma, não. Acabou-se.

MARIA. Que diabo é que tu tá fazendo? Pelo manto de Nossa Senhora, que é que tu tá fazendo?

Lampião hesita, parece retornar à razão.

VIRGOLINO. *(após algum vacilo)* Eu vou te soltar.

MARIA. Está apertando meu pescoço.

VIRGOLINO. Estou soltando. Mas não diga mais nada não, viu? Eu te solto e tu vai embora.

MARIA. Não.

VIRGOLINO. *(ainda detendo Maria)* Cala a boca, Maria, pelas cinco chaga de Cristo, cala essa boca!

MARIA. Só me solte se for para ficar.

Ele volta a apertar a chave de braço.

VIRGOLINO. Tu está pensando que eu estou brincando?

MARIA. Não. Tu é meu homem. Eu te conheço.

VIRGOLINO. Pois cala essa boca, pelo amor que tu tem a Deus...

MARIA. Só solte se for para mim ficar

Virgolino pressiona a faca um pouco mais.

MARIA. *(quase sem voz)* Espera...

Virgolino pára, mas não cede.

MARIA. Eu quero que tu me enterre, viu? Que se os macaco me encontrar aqui vão ficar mexendo. Não enterre só a cabeça, não. Enterre tudo. Eu não quero que eles me ache, não. Tu enterra?

Virgolino faz que sim, com a cabeça. Maria fecha os olhos, espera a morte murmurando uma prece.

VIRGOLINO. Maria, Eu só vou fazer isso porque não tem outro jeito, viu? É porque não tem outro jeito. Se eu não te matar eles vão te pegar. É pior. Vão se servir de ti de

tudo que é jeito. Vão judiar de ti. Eu aqui te mato ligeiro. Tu fica assim de olho fechado e não abre mais, pronto. Eu faço de um jeito que tu nem sente, viu?

Maria não responde, ainda está rezando.

VIRGOLINO. *(pausa)* Viu?

Maria finaliza sua prece, espera o golpe final do esposo.

Virgolino ajeita a faca na mão, pressiona-a um pouco mais contra o corpo de Maria. É difícil completar a tarefa.

MARIA. Ande logo, está me agonizando...

Passado algum tempo, Virgolino afrouxa o braço, liberando Maria. Ficam assim, os dois, ainda juntos.

Silêncio absoluto.

Maria se desvencilha do marido, que não oferece nenhuma resistência. Ela se levanta, ajeita as roupas, se afasta de Virgolino, evita olhar para ele.

Mais silêncio.

VIRGOLINO. Sonhei com nós dois morto. As cabeça separada do corpo. Tu com um negócio enfiado dentro.

Outra vez, silêncio.

VIRGOLINO. Tu ainda gosta de mim?

Ela não responde.

VIRGOLINO. Gosta?

Ela faz que sim.

VIRGOLINO. Pois sobe a serra, Maria.

Ela não responde.

VIRGOLINO. Se tu ficar eu não vou mais gostar de tu, não. Se tu ficar eu vou te tomar desgosto.

MARIA. Tu que sabe. Não é por isso que eu vou ficar, não. Minha vida eu escolhi qual era. É essa aqui. Tu não me trouxe arrastada, nem presa, nem nada. Eu vim porque eu quis. Uma hora ia acabar mesmo. Ninguém é para sempre. Não é por você que estou ficando, não. Estou ficando porque, indo embora, voltando, largando isso aqui, de um jeito ou de outro, acabou também. Já se passou tanta coisa... Eu nunca fui de ter medo, tu me conhece. Não tive medo de largar pai e mãe nem o homem que eu era amigada pra cair no mundo dos cangaceiro com Lampião, vou ter medo de sonho? Tem coisa muito pior que morrer, Virgolino. Todo dia não morre gente? Pois então... Um dia havia de ser o meu. Já vi mais de um filho meu morrer anjo, inocente. Eu por acaso sou melhor que eles? Eu vou ficar. Quer tomar desgosto a mim, toma. No fim, cada um

segue seu rumo. Ninguém é por ninguém, não. Tem uma hora que todo mundo vê que está só. Tu está só, eu também estou. Eu que escolho por mim.

Silêncio.

VIRGOLINO. Se eu soubesse que ia ser assim, nunca que eu tinha te trazido.

Esta fala de Virgolino acende fúria em Maria. Ela cai em cima do Capitão, esmurrando, batendo, chutando. Não bate como quem comunica uma desfeita. Bate como quem quer destruir.

Ele tenta se defender. Revida. Consegue por fim detê-la, imobilizando-a num abraço.

Cessa a luta, estão exaustos os dois, agarrados um ao outro, apertando-se.

Passado um tempo, sem desfazer o abraço, Virgolino desabotoa a calça e levanta a saia e a anágua de Maria. O coito é rápido, preciso, silencioso.

Mesmo terminado o ato, o abraço não é desfeito.

Permanecem assim, algum tempo.

De súbito, o latido de um cachorro e um grito: “É a volante, Capitão! Macaco filho da puta!”

Ouvem-se tiros, latidos de cachorro, insultos. Lampião e Maria se recompõem num átimo.

MARIA. Agora solta, Virgolino. Solta o diabo que a hora chegou.

Os dois se olham por um instante e partem para a guerra.

Virgolino tenta localizar com seu Mauser um dos inimigos. A ele se junta Maria, de 38 em punho, as costas voltadas para o Capitão, um cobrindo a retaguarda do outro. Ao longe, no combate, o alvoroço de cangaceiros e polícias.

VIRGOLINO. Olê, muié rendeira!

De súbito, uma rajada ensurdecadora de metralhadora. Escuridão. Silêncio.

Um tempo.

Luzes. Outra vez o alarido da guerra, mas agora Lampião está morto, baleado. Do seu lado, Maria grita ao cangaceiro Luís Pedro por ajuda.

MARIA. (sem perder do punho a pistola) Volta, Luís Pedro! Volta canalha, que mataram Lampião! Anda para luta, cabra! Tu não disse que morria com ele? (para as volantes) Macaco filho da puta!

Um tiro. Outra vez, escuridão.

MARIA. Valei-me, Nossa Senhora!

Outro tiro. Silêncio.

Um tempo.

Luzes. Lampião e Maria mortos, lado a lado. Os dois corpos decapitados. O cadáver de Maria com uma vara de pau enfiada na vagina.

Talvez se ouça uma incelência, um canto fúnebre à capela, enquanto o palco não retornar mais uma vez à escuridão.

Escuridão.

Um tempo.

Luzes.

MARIA. *(após um silêncio)* Só tu que sabe o que é certo.

VIRGOLINO. Eu estou dizendo isso?

MARIA. Não está, não?

VIRGOLINO. Estou não senhora. Só quem diz o certo do errado é Deus. Estou dizendo é que meu caminho, quem traçou fui eu. Estou dizendo é que se o cabra parar os outro vem e engole. Os outro vem e monta em cima. E isso nós não pode deixar. Não pode. Errado por errado, minha justiça quem faz é eu mesmo. Certo ninguém não está, mas uma coisa eu digo: Os que engole calado, os que não faz nada, não mexe uma palha pra mudar as porcaria que tem no mundo, também não estão certo, não. O mundo é do jeito que é mode o que nós faz dele. Pois o que eu estou fazendo do mundo é isso que tu está vendo. Só isso mesmo. Nem mais, nem menos. Bem ou mal. É isso que tu está vendo e se estiver achando ruim siga seu rumo. Não amarro meus cachorro, não é tu que eu vou amarrar!

MARIA. Virgolino.

Virgolino se acalma e presta atenção ao que quer dizer Maria:

MARIA. Porque é que tem vez que tu fala desse jeito?

VIRGOLINO. Desse jeito como?

MARIA. Como seu eu fosse inimiga tua. Como se eu não fosse tua mulher.

Virgolino não responde.

MARIA. Eu estou mais tu, viu?

VIRGOLINO. *(após uma pausa)* Está mesmo, Santinha? De a vera?

Maria faz que sim.

VIRGOLINO. Tem vez que eu olho pra tu, eu fico imaginando.

MARIA. Imaginando o quê?

VIRGOLINO. Imaginando por que é que com tudo isso, tu ainda está mais eu.

MARIA. Porque estou, Virgolino. Pronto. Não tem resposta pras coisa, não. Não pode é ficar parado. Não é tu que diz?

VIRGOLINO. É.

MARIA. Pois então? Não pode é ficar parado. Acabou-se.

Longo, longo silêncio.

Cai o pano.

Salvador, fevereiro a maio de 2003.